

ESTATUTO EDITORIAL

O jornal **A Semana** é um semanário de grande informação orientado por critérios de rigor e objectividade, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política, económica e religiosa. Fundado a 26 de Abril de 1991, **A Semana** pretende ser um jornal exigente e de qualidade, que recusa sensacionalismo e a exploração mercantil de tudo o que seja matéria informativa.

A Semana é um jornal plural, abrangendo os mais variados campos de actividade e de interesse público. Nasce na lógica de que uma imprensa privada independente é uma condição indispensável para a consolidação da democracia. É um produto da Nova Editora, uma sociedade de que é sócio um grupo de cidadãos, dentre os quais jornalistas que nele trabalham.

A Semana é um Jornal que visa contribuir para a consolidação do regime democrático, pluralismo de ideias em Cabo Verde e promoção da cultura nacional e universal. Objectivos que têm por base um trabalho de informação capaz de promover o surgimento de uma opinião pública activa e interveniente. de forma a que haja uma participação dos cidadãos na democracia cabo-verdiana.

Esses objectivos serão perseguidos no estrito respeito pela verdade e objectividade na recolha, tratamento e divulgação de informações sobre acontecimentos nacionais e internacionais. Para isso **A Semana** observa as regras básicas do jornalismo, salvaguardando sempre o princípio do contraditório entre as diversas parte intervenientes no objecto informativo.

A Semana é responsável perante os seus leitores numa relação rigorosa e transparente, autónoma do poder político e independente de poderes particulares. **A Semana** reconhece como seu único limite o espaço privado dos cidadãos desde que isso não ponha em causa o interesse público geral.

JOSÉ MARIA VARELA



QUINZE ANOS DE ESTILO

Como hão-de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há-de ser o estilo (...); muito distinto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estilo baixo; as estrelas são muito distintas e muito

claras, e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem e tão alto que tenham muito que entender nele os que sabem.

Padre António Vieira

A Semana está de parabéns. Pelos quinze anos. Mas principalmente por ter bastas razões para celebrar essa caminhada com pinta de campeão. O seu nascimento coincide com o advento do multipartidarismo, cabendo-lhe o privilégio de registar, semana após semana, a história das ilhas, algumas vezes – e infelizmente – a solo. É desde há muito, uma instituição de respeito e, seguramente, um dos pilares da jovem democracia cabo-verdiana. Com o empenho dos seus jornalistas, com o rigor informativo, a independência, a isenção e a serenidade, tem conquistado um público fiel, como demonstram os índices de leitura (de alguns estudos conhecidos) e as tiragens.

Mas qual o verdadeiro segredo do sucesso? Primeiro, por não ter dormido “à sombra da bananeira”, acomodando-se. Pelo contrário, independentemente da agenda ou da conjuntura política, de o governo ser do partido A ou B, a imparcialidade, a assumpção de posições claras, com responsabilidade e sem recurso a insultos, constituem a marca registada desta publicação. Estamos perante um jornalismo de qualidade, feito com sobriedade e sem sensacionalismo e que pelo seu optimismo crítico, traduz o sentir destas gentes, muito diverso do quadro negro que alguns insistem em pintar a realidade deste país.

Esta publicação tem feito jornalismo interpretativo (não confundir com alguma editorialização da informação existente na praça) que explica, sem emitir juízos de valor. Vai ao fundo dos acontecimentos, relaciona os factos e o seu contexto e, por isso, tem conseguido prever o que vêm a seguir, sem recorrer a artes de bruxaria. Sem tabus, **A Semana** tem efectuado um notável percurso no jornalismo analítico e de investigação, colocando a nu alguns podres da nossa sociedade, provocando

certos amargos de boca aqui e ali. Como qualquer campeão que se preze, também este tem outras “estórias” no seu curriculum, reveladoras dos obstáculos encontrados pelo caminho. Os leitores estarão lembrados do tempo em que os processos em tribunal eram uma constante e que alguns números chegaram a ser impressos no estrangeiro.

Na lógica do contraditório e sabendo muito bem distinguir informação de opinião e até porque “os factos são segredos, os comentários são livres”, estas páginas têm servido para, com mais

“

Sem tabus, A Semana tem efectuado um notável percurso no jornalismo analítico e de investigação, colocando a nu alguns podres da nossa sociedade, provocando certos amargos de boca aqui e ali.

”

que, quase sempre, problema abordado nesta página é problema resolvido, coisa de fazer inveja às notícias que têm honras de primeira página.

Está de parabéns toda a equipa de **A Semana**, pois, estamos perante um trabalho de grupo, com muita transpiração, para que nós, leitores, possamos ter um produto de qualidade. Os meus votos vão no sentido de, nos próximos quinze anos, os rapazes continuarem em grande estilo e que, depois de **A Semana on-line**, comecem a pensar, com carinho, numa edição impressa diária.

Emigrantes exigem Conselho das Comunidades

Os participantes do IV Congresso de Quadros Cabo-Verdianos na Diáspora querem que as autoridades nacionais cumpram o compromisso com a emigração e ponham de pé o Conselho das Comunidades. Respondendo ao desafio, José Maria Neves assegurou que os consensos necessários nesse sentido vão ser procurados, instando ao mesmo tempo a diáspora a trabalhar com mais afinco para a promoção de Cabo Verde.

Com um Lucas da Cruz emocionado, e sem conseguir terminar o seu discurso, o IV Congresso de Quadros da Diáspora chegou ao fim no passado sábado, 22. Um encontro que, segundo os seus promotores, tem funcionado como um "parlamento dos emigrantes" e que já é uma referência na forma como a nação crioula, nas ilhas e no exterior, se encontra organizada. Lucas da Cruz, o homem que preside o Congresso desde a sua fundação em 1994, vai deixar essa função. Parafraçando o Eclesiastes, para quem há tempo para tudo, o seu tempo de dirigir o Congresso chegou ao fim.

Antes de interromper aquele que pretende que seja o seu último discurso como presidente do Congresso, Lucas da Cruz defendeu que é chegada a hora de as autoridades nacionais porem de pé o Conselho das Comunidades, um órgão previsto pela Constituição desde 1999 e que nunca passou disso. "Que a ideia da nação global possa corresponder à ideia do Estado global", sublinhou Cruz, pouco antes de se deixar afectar pela "hora di bai". Em reconhecimento ao seu contributo como dirigente a plateia aplaudiu-o de pé.

Respondendo ao desafio do Congresso, José Maria Neves garantiu que no decurso deste ano vai procurar os consensos com a oposição no sentido de concretizar o CC, recusando, entretanto, as críticas de que o contributo da emigração não tem sido devidamente valorizado pelo governo. JMN aproveitou para

apresentar o balanço do que tem sido feito pela 11ª ilha, ao mesmo tempo que desafiou os seus representantes a terem um papel mais activo nos respectivos países de acolhimento ou ainda a tornarem mais sólida a ponte que liga Cabo Verde à sua diáspora.

"O lobby cabo-verdiano é fundamental para projectar a imagem de Cabo Verde e para defender os interesses de Cabo Verde", afirmou, e parafraçando John Kennedy defendeu que é chegada a hora de cada cidadão perguntar o que pode fazer por Cabo Verde, em vez de o contrário. "O futuro de Cabo Verde depende de nós", disse também.

O acto de encerramento do IV Congresso dos Quadros contou também com outras personalidades, entre elas o presidente da CMP, Felisberto Vieira, e o ministro da Presidência do Conselho de Ministros de Portugal, Pedro da Silva Pereira. Esta é, aliás, a primeira vez que o governo de Lisboa se faz representar a esse nível nos congressos da Diáspora feitos em Cabo Verde. Com isso, segundo Silva Pereira, o Estado luso pretende reconhecer o "extraordinário contributo" da comunidade cabo-verdiana para o desenvolvimento de Portugal.

Pedro da Silva Pereira, que tutela o sector das migrações e minorias étnicas, aproveitou para revelar algumas medidas que



o seu governo pretende realizar com vista a uma melhor integração dos cabo-verdianos em Portugal. Segundo ele, a nova lei da nacionalidade e a revisão, para breve, da lei da imigração visam precisamente esse fim, no que aos cabo-verdianos diz respeito. Tanto ele como outros oradores recordaram a criação recente do grupo de trabalho composto por representantes dos governos da Praia e Lisboa e que visam esse fim. Silva Pereira confia que esse grupo de trabalho vai fazer surgir "resultados muito positivos" para os cabo-verdianos.

JVL

Sexta-feira, 24 de Abril de 2006

Actualidade

PUB

GERMANO ALMEIDA



"A SEMANA" NOSSA

A *Semana* completa primaveras, 15 anos, escrevem no último número do jornal, de modo que uma palavrinha de apoio e encorajamento como, por exemplo, "sinceros votos de continuação do bom trabalho que estão desempenhando em prol da cultura e afirmação da identidade nacional caboverdiana", é sempre de bom tom nestas ocasiões.

E no entanto a coisa não está saindo fácil para o papel. É verdade que sou convidado ao Fogo para as comemorações da efeméride, no âmbito dessas celebrações serei inclusivamente honrado com o lançamento do meu novo livro pela Marilene Pereira, e no entanto continua a minguar-me palavras para encher uma página de parabéns.

Vamos ser francos: O jornal "*A Semana*" já não é o que era dantes! Não quero dizer que é como se estivesse pacificamente vivendo de grandes namoros com o Poder, porém, não deixa de ser estranho que haja já pelo menos 5 anos que este jornal não teve um único processo por crime de imprensa!

Ora sem dúvida que antigamente era muito mais exaltante! Antigamente, cada número que saía trazia consigo um novo sobressalto, todo o pessoal da redacção e amigos do jornal de coração na mão, todos à espera de ouvir falar de mais uma intimação judicial por um qualquer inventado abuso de liberdade de imprensa. As coisas que aprendemos que eram crimes davam para uma enciclopédia!

Porém, agora já não, agora a vida jornalística corre suave e pacatamente, já não se ouve falar de negociatas com bens do Estado, nada mais há a vender, digo, privatizar, enfim, tudo parece estar a correr pelo melhor ...

Bem, nem tudo. Tenho que aproveitar agora para confessar que fiquei um bocado desiludido quando vi a Praia aceitar quase passivamente a transformação do seu ilhéu num simples Casino.

A princípio recusei acreditar. Um lugar daqueles, onde a história da cidade parece estar contada em cada pedra que ali resta, "transformado numa espécie de "ilha fantástica com muita fantasia", em que serão dominantes a arquitectura e a cultura asiáticas"?

Não acreditei, porque sabendo que historicamente

o ilhéu de Santa Maria tem sempre tido uma utilização infeliz, era de esperar que nestas épocas de afirmação patriótica e identitária viesse a ter uma sorte mais consentânea com o seu passado.

Afora o breve período em que terá servido de entreposto carvoeiro, o ilhéu da Praia ficou ligado à história da nação caboverdiana como local de quarentena dos suspeitos de serem portadores de doenças contagiosas, depois uma espécie de guetto onde esconder os famintos e indigentes nos tempos das fomes. Posteriormente viria a servir como leprosaria.

Assim, foi grandiosa a primeira ideia de o ilhéu ser transformado num monumento, uma espécie de santuário da história onde deveria pontificar a figura de Amílcar Cabral. Terão sido poucos os que não se

“

O jornal "A Semana" já não é o que era dantes! Não quero dizer que é como se estivesse pacificamente vivendo de grandes namoros com o Poder, porém, não deixa de ser estranho que haja já pelo menos 5 anos que este jornal não teve um único processo por crime de imprensa!

”

entusiasmarão com isso, mesmo que não concordando de todo com o projecto ao tempo apresentado.

Porém, depressa essa primeira ideia foi deixada cair. Em seu lugar começou-se a falar de um hotel. Se calhar ligado à cidade por uma ponte levadiça, "entrada reservada". E final e definitivamente, parece que agora vamos ter ali à entrada do porto da cidade capital do país, como seu cartão de visita, nada mais nada menos que um pagode chinês. Pelo menos é isso que se depreende do projecto de uma "ilha fantástica com muita fantasia, em que serão dominantes a arquitectura e a cultura asiáticas".

Uma pergunta que me ocorre: será que já sabemos (quando digo nós estou a pensar nas nossas

autoridades!) em que consistirá essa ilha fantástica? Será que os nossos arquitectos, os nossos paisagistas e ambientalistas vão ter uma palavra a dizer sobre o que se vai fazer ali ou, pelo contrário, vai ser tipo "pronto a ser visto", talvez apenas de longe?

O convite constante da página 19 do último nº deste jornal dirigido ao Ministro de Economia pela Odete Évora Lima tem muito de preocupante, porque não é a primeira vez que denúncias do tipo são referidas. Sugere ela ao ministro disfarçar-se de cidadão comum e tentar entrar no Hotel Boavista Resort na praia de Chaves. Na porta da entrada principal, diz Odete, a ordem é "proibida a entrada a qualquer cidadão caboverdiano, excepto os senhores Pedro Pires e José Pinto".

Bem, ao menos há dois caboverdianos que podem entrar. Porsinal ambos presidentes! Talvez não fosse de todo mau, em vez de deixar os estrangeiros proibirem-nos o uso de coisas na nossa terra, nós mesmos fazermos uma lei: os nacionais estão proibidos de entrar em hotéis estrangeiros, excepto os criados de mesa, as engomadeiras, as varredoras, os seguranças...

A questão que temos que começar a pensar é se esse sonhado crescimento económico em 2 dígitos vai compensar eventuais humilhações pelas quais nos forçarão a passar. Por enquanto sonha-se, e justamente, com a Cidade Velha como património da Humanidade. Mas como será no dia em que aparecer um qualquer Chow a oferecer alguns milhões para transformar o forte de S. Filipe num cabaret?

São preocupações como estas que me fazem continuar a festejar os aniversários do jornal "*A Semana*" e a desejar que tenha longos anos de vida, sejam eles fáceis como no presente, sejam eles duros como no passado. É que pelo menos continuo convencido que quando dermos conta de que estamos quase de todo vendidos e entregues aos estrangeiros, teremos ainda um espaço de liberdade para gritar, ainda que inutilmente, que a economia é apenas uma parte de nós, que temos uma cultura a defender e preservar, que não basta pensar em Cabo Verde porque as ilhas têm gente que se orgulham de ser caboverdianos e querem continuar a sê-lo.

PUB

ANTÓNIO NEVES



PERSEVERANÇA E DEVER CUMPRIDO

O período de quinze anos na vida de um país ou de nação é quase sempre ser comparado com uma gota d'água no oceano. Porém, se esse período disser respeito a um ser humano, à criação de uma instituição ou de uma organização de cariz sócio-cultural, recreativo, político, desportivo, ou outra, a coisa muda de figura. Quer se trata de uma empresa qualquer, seja pública ou privada, quer ainda de diversas outras efemérides consideradas dignas de nota, esse tempo de vida é sempre um acontecimento, especialmente, quando o papel que a criatura aniversariante desempenha no meio em que se insere é reconhecido por todos como sendo de extrema importância e utilidade.

Mas se, entretanto, a celebração for de um empreendimento com expressão vinculadamente informativa e sócio-cultural na vida de uma comunidade em desenvolvimento, nos mais variados domínios, e o contributo dado durante os quinze anos da sua existência tenha sido, reconhecidamente, positivo na formação de um abrangente sentido de cidadania, então, nesse caso, a efeméride deve ser tida em devida conta. Sendo assim, embora festejar aniversários seja algo natural que acontece no dia-a-dia e a todo o momento, nesse caso o aniversariante merece ser particularmente apoiado e acarinhado, como forma de encoraja-lo a prosseguir na sua profícua caminhada.

No caso em apreço, trata-se de um órgão privado de comunicação social nascido num contexto especial, num momento escaldante e crucial da vida política nacional, e que, com redobrado sacrifício de diversa índole dos seus promotores, conseguiu manter-se de pé, por vezes engolindo certos amargos de boca, mas sempre mantendo a dignidade que se impunha e se imporá sempre, pela própria exigência da função de informar com honestidade. Mas, para que pudesse, também, ultrapassar as barreiras e vicissitudes com que tentaram barrar-lhe a caminhada que os promotores da iniciativa haviam delineado.

Nessa ordem de ideias, sobreviver quinze anos, ainda por cima atingir uma performance jamais conseguida por qualquer outro órgão de imprensa escrita em Cabo Verde, e ter aberta perspectivas para patamares de participação mais elevados é, a todos os títulos, uma obra de cariz nacional digna de todo o tipo de elogios, na medida em que extravasa o seu próprio tempo de existência, consubstanciado na grandeza do trabalho produzido em apenas três lustros.

Um órgão de informação escrita que nasceu sob o signo do bem servir, tendo

sempre por lema incentivar o cultivo da verdade democrática num sistema plural recém-nascido, doesse a quem doesse, seguindo, estritamente, uma linha editorial estabelecida com critérios e objectivos bem definidos. Informar e formar a sociedade cabo-verdiana, e não só, tanto no país como na diáspora, com seriedade, isenção e transparência, numa altura de mudança de regime e, conseqüentemente, de viragem política, dando ao mesmo tempo combate à arquitectada desinformação que reinava, com jovens *turcos* sedentos do poder, que se consideravam onnipotentes, à frente dos destinos das Ilhas, podia ser tudo mas nunca uma tarefa fácil.

Segui a par e passo, com muito interesse, a caminhada do órgão em questão, desde a publicação do seu primeiro número (não me lembro se foi o número zero). Por essa razão,

“

*...sobreviver quinze anos,
ainda por cima atingir
uma performance jamais
conseguida por qualquer
outro órgão de imprensa
escrita em Cabo Verde, e
ter aberta perspectivas para
patamares de participação
mais elevados é, a todos os
títulos, uma obra de cariz
nacional digna de todo o
tipo de elogios...*

”

ficaram-me gravados na memória algumas tramóias e constrangimentos (membros dos seus órgãos foram objectos de agressão física e de vários processos judiciais) por que passou o empreendimento em apreço. Chegou-se a falar, abertamente, de injustiças e perseguições da parte de certos elementos da classe política bem identificados (que até deu origem à emigração do então director). Tendo, entretanto, conseguido resistir com estoicismo, alcançar o estádio que hoje ostenta na sua tarefa de bem informar, que conquistou a pulso e que é reconhecido pelos seus leitores espalhados por vários quadrantes, é algo extremamente gratificante e merecedor de todos os encómios.

O jornal **A Semana** - é desse empreendimento (que está a pouco e pouco adquirindo o perfil de uma instituição) que

estamos a falar -, como órgão de informação escrita, privado, teve a sorte ou o azar (dependendo isso da óptica individual, ou de grupo, dos cidadãos leitores) de ter sido criado, precisamente, na altura em que foi instituído o regime pluralista em Cabo Verde.

Com um partido dito democrático no poder, que, para combater o antecessor, partido único, que derrotara nas primeiras eleições pluralistas, instituiu, à custa do suporte de uma maioria parlamentar desafogada, um governo com características de poder único; que não admitia a veledade da *“intromissão”*, de espécie alguma, da oposição fragilizada pelos ditames da situação e, muito menos, do único órgão da imprensa escrita privado que, de certa forma, repudiava, pela sua ousadia de ser intrometido; completar quinze anos de vida na posição cimeira em que se encontra, por mérito próprio, a equipa do semanário, responsável pela obra, tem razão de sobra para se orgulhar do trabalho feito.

É voz corrente que nada acontece por acaso e a prova disso foi o momento oportuno do nascimento do jornal **A Semana**, que (parece-me que não há dúvidas sobre isso) teve e continua a ter um papel extremamente importante na disseminação da democracia que se vive no país. Do mesmo modo que há entidades cuja intervenção deixa marcas em domínios diversificados, há também instituições que marcam pelos seus actos e feitos. Sou levado a crer que a fundação deste semanário, na sequência das eleições legislativas de 13/01/2001 e do nascimento da II República, não foi uma simples coincidência!

Hoje em dia, provavelmente, poucos são os leitores que se lembram do papel preponderante que o jornal, aniversariante no próximo dia 26/04/06, teve no início da vida política pluralista em Cabo Verde, em particular, na informação correcta da nossa diáspora, na medida em que os meios de informação pública nacional eram escassos e de pouco alcance. Por outro lado, ao dar a palavra a muita gente que, de outro modo, estaria impedido de fazer ouvir a sua voz, o semanário deu um inestimável contributo na criação de um indispensável equilíbrio na política nacional, denunciando factos políticos que, por vezes, tinham como objectivo intoxicar a opinião pública, na altura menos informada do que no momento actual.

Depois dessas palavras que escolhi para prestar uma singela homenagem ao semanário, de que sou colaborador assíduo, só me resta acrescentar esta simples frase: **BEM-HAJA O JORNAL A SEMANA**, e que venham mais quinze.

O P I N I Ã O



Da Análise

'ASEMANA' E A FORMAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO

Manda a sociologia considerar que a “Sociedade” é dominada por aspectos estáticos e aspectos dinâmicos, pontificando-se nesses últimos contextos vários, entre eles: processos de mudança e transformação social; produção e reprodução de classes sociais/de indivíduos e protagonistas; evolução das famílias; difusão cultural; desenvolvimento e morte de instituições sociais; mutações e reestruturações em campos como mercado e sociedade de consumo; metamorfoses no espaço político...enfim.

Assim tem sido/tem transitado a sociedade cabo-verdiana, num processo de mudança, embora de forma bastante lenta e demorada, entre ciclos e contra ciclos até a independência, em 1975. E, este é, com certeza, o grande marco histórico do arquipélago que abre Cabo Verde, em profunda ruptura com o espírito de penúria e subdesenvolvimento reinantes até 75, à construção dum crescimento e duma modernidade, sendo esta nada mais do que um conjunto de modos de vida e de organização económica, social e cultural, assente na expressão do progresso e bem-estar da comunidade humana nas ilhas. Porém, em pleno paradigma global, Cabo Verde já não é um destino isolado, e se lhe reconhece um outro posicionamento perante a história e o seu futuro. Conclusivamente, está em transição no arquipélago uma conjuntura locomotada por evidentes capacidades de se reformar/capacidades de acção estratégica. A entrada na era da modernidade está a acontecer, precisando o país apenas de fazer funcionar a engenharia para antecipar, moldar e fazer o caminho, a médio e longo prazos. Pois, capacidades de imaginar o futuro para que as coisas possam acontecer é o que não estará, por esta altura a faltar.

Se o caro leitor reparar bem, de 1990/91 a 2006 tem estado a misturar nos caminhos de Cabo Verde global uma colisão de vagas que consequentemente faz resultar, hoje, uma sociedade menos passiva e fatalista. Neste ambiente, o Jornal **ASemana** tem sido verdadeiramente interventor, com um indiscutível contributo no processamento da democracia social, participando activamente na expressão do espírito de modernidade em instalação, pela mediatização da vida nacional, combinando a perfeita relação Media-Opinião.

O papel do jornal **ASemana** na construção do espaço público em Cabo Verde é de uma indiscutível evidência, independentemente de se estar, ou não, de acordo com determinadas abordagens, por esta ou por aquela razão. Fazendo uma avaliação linearmente contributiva, **ASemana** tem, nos seus 15 anos fomentado uma cultura de opinião, interpelando o homem comum – sobretudo o homem urbano - para reflexões privadas (íntimas) e públicas. Pela oportunidade (neste caso, pela força) da sua opinião veicula e feita têm-se construído e destruído situações e decisões, pela oposição à prática do segredo, e fazendo, com isso, a que a vida social tenha sido mais homogénea, organizada sob a forma

“
...é justo reconhecer a primazia da “ASemana” no desenvolvimento da imprensa escrita em Cabo Verde, assumindo, estrategicamente, os desafios de simplificação do espaço público nacional e de criação de um conceito de audiência exigente e mais plural.
 ”

de verdadeira opinião pública nacional, trazendo à discussão crítica de importantes questões na esfera pública. Esta, embora com pouca força para se sobrepor e purificar, em determinados momentos, aos poderes que lhe comandam – sobretudo os de representação política que continua, e vai continuar, a dominar a maior parte dos nossos impulsos sociais-nacionais.

Já agora, e de rompante: o que se entende por “esfera pública”, na literatura da comunicação social? Bem, segundo o grande autor de ciência política, Habermas, a “esfera pública” fundamenta-se pelo campo dos *mass media* e da interacção que eles

provocam, usando um discurso racional”. Na verdade, com a emergência e o cruzamento explosivo de actividades múltiplas sociais – por exemplo: de media e suas redes, de *entertainment* e de telecomunicações -, o homem comum (o povo) tem-se diversificado na procura de novos horizontes psicossociais, a partir dos grandes e novos territórios que a comunicação gera/vai gerando, sendo o último dos territórios em transição o da informática como uma das ferramentas mais rápidas ao serviço de numerosas e complexas aplicações no processamento e difusão de mensagens. E aqui se cruzam os territórios num único e mais poderoso território: os modernos meios de comunicação social, já sob forma de informação digital para alimentar, também, uma sociedade virtualizada. Tudo a partir das três grandes tendências dos anos 80-90: desregulação, liberalização e privatização. Há um território que emergirá nos horizontes mais próximos de Cabo Verde, inevitavelmente, para influenciar, a fundo, o paradigma da mudança em Cabo Verde. O espaço público já existe embora não com a desejada intensidade e força, por que as ferramentas da virtualização dos hábitos de vida estão a chegar, para acelerar “o falar e o escutar; os gestos e as confidências em voz baixa, e os códigos e as significações do novo modelo social a sobrepor-se no arquipélago. Com efeito, é justo reconhecer a primazia da “**ASemana**” no desenvolvimento da imprensa escrita em Cabo Verde, assumindo, estrategicamente, os desafios de simplificação do espaço público nacional e de criação de um conceito de audiência exigente e mais plural.

O espaço público pode ser resumido em “*arena do conhecimento, da literacia e da opinião*”. Seguramente, e em pura consciência, “**ASemana**” é, hoje, um dos promotores de razões para que os cidadãos cabo-verdianos tenham, também, razões para participar nas importantes decisões do país – pelo fomento da reflexão e discussão, mesmo que seja pela chamada “*discussão de café*”. “Assim se faz um sistema de valores legitimado, pelo tempo e pela qualidade, no espaço público. Eis a “**ASemana**”, quinze anos após. Ou melhor: uma geração sociológica depois, uma referência nacional.

O P I W I Ã O

1) Números de 'A Semana'

Com esta edição **A Semana** atinge os 15 anos de vida, simbolizados nas suas 755 edições, um palmarés de que poucos periódicos se podem orgulhar nos 164 anos de imprensa em Cabo Verde.

Fora o **Voz di Povo**, que durou 17 anos (1975-92), e que começou como semanário e acabou como trisemanário, registando 1.311 edições, **A Semana** é, até hoje, o jornal generalista e semanal com maior longevidade. O 'Notícias de Cabo Verde', que se publicou em São Vicente, entre 1931 e 1962, durou 31 anos, mas saiu de forma irregular, sobretudo na fase final da sua vida. Era, além disso, um semanário regional, que começou como quinzenário. O seu número de páginas era reduzido e não passou de 323 edições. 'O Arquipélago', que existiu entre 1962 e 1974, publicou 619 edições, tinha uma média de 12 páginas. Excepto o 'Voz di Povo' que chegou a mais de dois mil exemplares, com edições de 16 páginas, as restantes publicações raramente passaram dos mil exemplares e oito páginas, o que por si demonstra como eram limitados os jornais em Cabo Verde.

A Semana surgiu, em Abril de 1991, com 20 páginas e apresenta, hoje, mais de 50 páginas. (Houve edições, como o especial 5 de Julho feito no ano passado, com quase 80 páginas). Com cadernos temáticos, sempre que necessário, o jornal apresenta suplementos onde temas específicos da actualidade são abordados com a profundidade que o momento ou a complexidade do assunto exige.

A tiragem de **A Semana** começou, em 1991, com 4.500 exemplares, mas as elevadas sobras ditaram uma redução para valores bem mais condicentes com a realidade da altura, isto é, para cerca de 3.000 exemplares. Pouco a pouco, à medida que se foi afirmando, o jornal aumentou a sua tiragem até atingir os actuais cinco mil exemplares, uma cifra nunca registada por nenhuma outra publicação regular em Cabo Verde. Isso sem contar a tiragem histórica de dez mil exemplares do especial 5 de Julho.

4) Produtos d' A Semana

www.asemana.cv. Além da versão papel, **A Semana** possui desde Dezembro de 2003 um site. Também aqui os seus promotores inovaram, apresentando-se como o primeiro diário digital de Cabo Verde. As últimas cifras apontam para cerca de 10 mil visitas diárias. Só no mês de Março visitaram o site 200 e tal mil internautas, o que atesta a sua elevada audiência.

CIFRÃO. Começou como quinzenário, tendo sido colocado nas bancas a 26 de Abril de 1999. Foi a primeira tentativa de desdobramento dos serviços prestados por este periódico. No caso tratava-se de um jornal dedicado a questões de economia, mas que, infelizmente, por dificuldades de distribuição, e por sugestão dos leitores, é hoje parte integrante de **A Semana** como suplemento quinzenal. O último número como jornal autónomo, o 60º, saiu a 19 de Junho de 2002. É muito procurado por aqueles que se interessam pelo fenómeno económico, seja ele a micro ou a macro-economia.

RADAR. É de há muito a rubrica mais antiga de **A Semana**. Surgiu no número 173, de 19-09-94, e tornou-se logo na secção que mais contribuições recebe dos leitores, através de cartas, emails, telefone, etc. É também a página que bate todas as audiências, de longe a mais popular, um verdadeiro fenómeno de comunicação, pois só ele abrange todos os públicos – classe alta, média alta, média, média baixa, e baixa. O Radar até estudo sociológico já mereceu. Ao escrever sobre o assunto, na edição 648, de 13-02-04, o sociólogo César Monteiro afirmou que Radar traduz «o estádio de das relações sociais, valores, atitudes e expectativas da sociedade cabo-verdiana (...), funcionando como uma espécie de barómetro e contribuindo, ao mesmo tempo, para o melhor conhecimento da psicologia colectiva insular». Nem mais.

SEMANINHA. Desde o primeiro momento que **A Semana** procurou dispensar uma atenção especial aos mais novos. A primeira tentativa foi **A Semana Infantil**, de quatro páginas, dado à estampa no número 6 do jornal (14-06-91), com contos da pequena Danae Rosabal Estrela, sim, essa mesma, na altura com 12 anos, apresentada ao público como aluna do 2º ano da Escola Preparatória Eugénio Tavares, «activa desportista e fundadora dum grupo de teatro para o qual cria as peças e dirige os ensaios». Danae fez-se moça, vive hoje em Portugal, onde canta e encanta.

Fora isso, foi na edição de 13-09-91 que surgiu o primeiro número de **Semaninha**. O suplemento começou com duas páginas, evoluindo depois para oito. O sucesso foi tal que o projecto acabou por contemplar um público mais crescidinho, o dos «teen egers», daí **Semana TEEN**.

KRIOLIDADI. A cultura esteve sempre no centro das preocupações de **A Semana**, ao ponto de se transformar num dos pontos fortes do jornal. Actualmente, é no suplemento Kriolidadi que, todas as semanas, os leitores têm encontro marcado com aqueles que mais têm projectado o nome de Cabo Verde, os seus homens e mulheres de Cultura.

2) Natureza

A Semana assume-se como um jornal independente e pluralista. E, assim sendo, procura ser aberto a todas as correntes políticas e problemas do país. Ou seja, tenta ser um jornal nem de clique nem de claqué. Aplauda e elogia quando é preciso, critica e contesta sempre que necessário. Por isso, os inimigos estão em todos os lados, mas os amigos e admiradores também. Estes são muitos, muito mais numerosos do que os detractores, e é isso que importa.

3) Quinze anos de Jornais

Quando **A Semana** surgiu havia em Cabo Verde vários outros periódicos, nomeadamente o 'Voz di Povo', 'Tribuna', 'Notícias', 'Terra Nova', 'Opinião' e 'Agaviva'. Quase todos morreram, dando lugar a outras publicações, que acabaram também por sair de circulação. São os casos de 'Já', 'Novo Jornal Cabo Verde', 'O País' e 'O Cidadão'. Além de '**A Semana**', existem presentemente dois outros semanários: 'Horizonte' e 'Expresso das Ilhas', o bimestral 'Artiletra', um mensário, o 'Terra Nova, este o jornal mais antigo de Cabo Verde, com 31 anos. Mais do que sinónimo de jornalismo, **A Semana** é, sobretudo, um acto de resistência, e a prova de que ousar é possível.

5) Audiência

Nestes 15 anos de vida, **A Semana** procurou ser um jornal de todos e por isso de abrangência nacional. Os reiterados estudos de opinião, que começaram a vir a público no país na segunda metade dos anos noventa, sempre apontaram este semanário como o periódico mais lido e credível junto dos cabo-verdianos. O último estudo, divulgado no ano passado, dizia que num universo de 60% de leitores, **A Semana** gozava da preferência de 37%, ficando os outros dois semanários com 7% cada, contra 9% que não preferiam nenhum dos periódicos.

6) TOP A Semana

1) **Carlos Veiga** é a personalidade cabo-verdiana mais mencionada ou referida, até hoje, nas páginas de **A Semana**. Dominou claramente a cena política nos anos noventa, um período bastante agitado e conturbado em termos políticos, bastando para isso recordar as várias crises que foram tendo lugar no seio do MpD. Não foram poucos os seus planos que tiveram de ser refeitos por causa de **A Semana**. Um deles, talvez o mais célebre, foi o seu projecto de promover Gualberto do Rosário a seu delfim. **A Semana** divulgou a notícia em plena IV Convenção do MpD e Veiga tratou logo de desmenti-la. Um ano depois tudo se confirmou e foi, de novo, a confusão que se sabe.

2) **José Maria Neves**. Entrou em força na cena política em 1997, quando decidiu disputar a liderança do PAICV a Pedro Pires. Tornou-se, a partir daí, uma presença regular nas páginas deste jornal. Antes disso, integrou a lista dos colaboradores regulares de **A Semana**, jornal de que é, aliás, um dos fundadores, tendo sido numa dada altura o presidente do CA da Nova Editora, proprietária deste semanário. Já como primeiro-ministro, chegou um dia a dizer numa das reuniões da Comissão Política que **A Semana** dá-lhe mais trabalho do que a oposição, porque é através das suas páginas que muitos dos problemas do país são colocados sobre a mesa.

7) Temas fortes

A política tem sido, desde o primeiro momento, o tema forte de **A Semana**. Não poucas as vezes, foi este semanário para a cena nacional temas que se encontravam a ser discutidos.

Mas nem só de política vive um jornal, e **A Semana** não é excepção. Questões sociais, ambientais, saúde, de unidade nacional, de justiça, de combate ao abuso sexual de menores, tendo alguns dos nossos artigos. Em relação à droga, por exemplo, denunciávamos o seu consumo nos quartéis. Em Julho, **A Semana** dava à estampa que Cabo Verde não tem dinheiro da droga. E assim por diante, até há pouco tempo atrás, um artigo de fundo "O polvo" que vai cercando esta situação de apreensão, desmantelamento, acerto de contas e...

8) Emigração e imigração

Tratando-se de um jornal que tem a ver com a diáspora não são poucas as vezes que os cabo-verdianos em Portugal, Príncipe, EUA... Por exemplo, a situação dos evacuados em Portugal, saiu em **A Semana**, na altura em que também nós o primeiro media de Cabo Verde estava a tornar-se...

Marcas de

9) Edições que fizeram história

Algumas edições de **A Semana**, pelo impacto do seu conteúdo, fizeram história. Se do ponto de vista técnico, o primeiro número é sempre um marco, no caso de **A Semana** a sua primeira edição entrou logo nos anais da imprensa nacional por ter sido a primeira vez que, em Cabo Verde, a capa de um jornal era colorida. Nos anos seguintes foram vários os outros motivos de regozijo. As edições a denunciar os escândalos políticos, a má gestão de recursos públicos etc. contribuíram para a afirmação do jornal, ainda que à custa, muitas vezes, de processos judiciais e de muitos amargos de boca.

Mas um bom jornal não tem necessariamente que ser bombástico para ser forte e apreciado pelos leitores. Às vezes, um simples artigo de opinião constitui matéria suficiente para suscitar a a apetência do público. Amiúde, os textos de análise conseguem o mesmo efeito. Um exemplo disso foi a edição de nº 648, de 13-02-04, em que através de textos simples **A Semana** mostrou o impacto que poderia ter para Cabo Verde a sua

graduação a País de Desenvolvimento Médio. Outro exemplo não menos feliz foi a edição especial alusiva aos 30 anos da independência de Cabo Verde, nº721, de 05-7-05. Até hoje essas duas edições são procuradas pelo público, nomeadamente por estudantes e investigadores. Sabendo da importância que o seu conteúdo tem para a história recente do país, **A Semana** mantém franqueados os seus arquivos para aqueles que deles necessitam.

10) 'A Semana' e os Leitores

As relações de um jornal com o seu público reflectem-se naturalmente na forma como os seus leitores se relacionam com ele. Afinal, o que é um jornal sem leitores? Em 15 anos de existência, **A Semana** tornou-se um costume para os seus milhares de leitores tanto no país como na diáspora. Essa relação chega, às vezes, a ser tensa. Os leitores cobram-nos por tudo e mais alguma coisa. É uma dada matéria que devia ser mais aprofundada, é um tal assunto que devia ser tratado e ainda não foi, é o papel que não é o melhor, é o logotipo que é feio, etc., etc. Todas essas críticas são recebidas e ponderadas para posterior decisão. Afinal, mais que um jornal, **A Semana** é uma paixão.

Mas há também momentos em que os leitores nos mostraram que por este jornal são capazes de tudo. Um desses momentos aconteceu em 1997, quando um grupo de cidadãos decidiu promover uma campanha de solidariedade a favor de **A Semana**, em resposta às várias condenações, com multas e indemnizações à mistura, e que tinham como única e exclusiva finalidade silenciar o jornal. Apercebendo-se disso um grupo de cidadãos decidiu lançar a campanha de recolha de fundos para ajudar o jornal a pagar as multas e indemnizações. A campanha começou em São Vicente, alargou-se a outras ilhas do país, chegando depois a todos os países onde vivem os nossos emigrantes que discutiram com paixão o "crime" contra o seu jornal e deram com amor muito mais do que o jornal precisava. Uns deram 100, 200, 500 escudos e outros mil, cinco, dez mil, houve até quem tenha contribuído com 20 contos ou mais. Resultado: as multas e as indemnizações foram pagas e o jornal continuou normalmente a sua caminhada. Esta é uma proeza nunca antes registada nos anais da imprensa cabo-verdiana nos seus quase 200 anos de existência e que ainda hoje muito honra o colectivo de **A Semana**. Aliás deve haver muito poucos exemplos desses pelo mundo fora. Por isso **A Semana** é dos cabo-verdianos, que mantém a viva.

12) Gente como a gente

Desde a primeira hora **A Semana** procurou estar próximo dos cidadãos, dando voz àqueles que precisavam exprimir os seus dramas e angústias. É o pai que ficou desempregado e não sabe como pagar a propina escolar dos filhos, é a mãe que desesperada procura o paradeiro da filha levada para o estrangeiro, a mãe indignada e impotente que vê a filha violada e que aparentemente nada pode fazer... É alguém que precisa de ajuda para se tratar, é a mulher que é posta na rua pelo seu companheiro e fica sem eira nem beira. Enfim, os dramas e anseios da sociedade estiveram sempre presentes nestes 15 anos no jornal cuja aposta maior foi sempre estar próximo do cidadão. E não é por acaso que, apesar de se considerar que o cabo-verdiano não é dado muito dado a leituras, os estudos mostram que **A Semana** chega a um público de A a Z.

13) Parceiros

Graças aos nossos parceiros de sempre, àqueles que acreditaram em nós, que compreendem as nossas falhas, mas que continuam a apostar que amanhã seremos capazes de fazer melhor, podemos proclamar hoje, 15 anos após o início da caminhada, que agora nos orgulha a todos, que vamos também, juntos de novo, responder às questões que Cabo Verde, África e o mundo nos colocam. Por isso, nesta hora de celebrações, mas também do relançar de desafios, queremos lembrar os nossos Patrocinadores, anunciantes, as várias instituições que sempre nos facilitaram o caminho. A nossa homenagem vai sobretudo para aqueles que com um simples gesto, sorriso ou frase de circunstância nos encorajaram a prosseguir, para mostrar que ousar é possível. A nível comercial, perdoem-nos os outros, queremos destacar dois anunciantes que desde a Primeira hora estiveram connosco - A Vasconcelos Lopes e o Totoloto Nacional. E até agora continuam firmes nos seus postos. Semana sim, semana sim.

Mas nesta caminhada fomos também fazendo amigos além fronteiras, criando cumplicidades, encontrando uma mão amiga que se estendia na hora certa, para ajudar-nos a remontar obstáculos, para irmos além das nossas fronteiras. E assim foi. Publico, primeiro, PANOS depois, mais tarde UNESCO, Fundação FORD, UNICEF, Repórteres Sem Fronteiras, Jornal Expresso, People TV, Wall Street Journal, etc, etc.

14) Quem faz 'A Semana'

A equipa que trabalha a desoras, que procura satisfação e amor naquilo que faz. Gente que se regozija porque o seu trabalho encontrou ouvidos receptivos, ajudou a resolver o problema dos outros, do país, e de nós todos. É essa equipa que longe dos protagonismos pessoais se conforta e se revê num trabalho de equipa onde **A Semana** é substantivo próprio. A este pessoal que, mais do que lutas salariais, fez de **A Semana** a sua maior luta. Por eles todos, trabalhadores e essa cósmica rede de colaboradores, Cabo Verde pode se orgulhar de ter um jornal que, por intermédio do **Courrier International**, está entre os melhores do mundo (ver pág.4).

15) Directores

Em 15 anos de existência **A Semana** teve até hoje dois directores: Jorge Soares e Filomena Silva. Soares, hoje nos EUA, aguentou o barco de Abril de 1991 a Agosto de 1994, altura em que a actual directora assumiu o comando do jornal, totalizando 12 anos de entrega ao projecto **A Semana**.



Imigração

virado para o país e para a ortagens sobre como vivem Moçambique, São Tomé e o, o primeiro artigo sobre Portugal, publicado em Cabo sua edição de 1993. Fomos a dar conta do fenómeno: num país de imigração.

11) Debater é possível,

Nos seus 15 anos **A Semana** assumiu-se como um promotor da discussão dos temas que afligem Cabo Verde, reunindo gente dos mais variados quadrantes políticos, origens sociais e profissionais. Os primeiros debates datam de 1992, altura em que foram realizadas conferências sobre a democracia, partidos políticos, privatizações, descentralização etc. Outro grande momento foi, em 2001, por

ocasião do fórum «Ousar é possível», evento que serviu para assinalar os 10 anos de **A Semana**, com convidados vindos, inclusive, de Angola, Brasil, Guiné-Bissau, Senegal e Portugal. Centrada desta feita numa das ilhas de Cabo Verde, na próximos dias, **A Semana** conta pôr sobre a mesa a ilha do Fogo e os seus problemas, na certeza de que esse será mais um novo contributo para um confronto salutar de pontos de vista. Depois disso outros temas se seguirão noutros espaços de Cabo Verde.

A Semana

FACTURAS DE CAMPANHA

Proprietário de viatura cobra dívida ao MpD

O proprietário da viatura Hiace SV 79 está a cobrar ao MpD uma dívida de 108 contos, referentes aos 18 dias em que trabalhou para esse partido, durante a campanha para as eleições legislativas. João Baptista Egídio, residente em Porto Novo, diz-se desesperado, tendo em conta que possui compromissos com o banco. E agora também está chateado porque, diz, ao cobrar a dívida foi desrespeitado.

João Baptista Egídio conta que disponibilizou a sua viatura ao MpD no decurso da campanha eleitoral para as legislativas, mediante a assinatura de um contrato, onde aquele partido se comprometia a pagar-lhes os 18 dias de trabalho no dia 01 de Fevereiro. Entretanto, para a sua surpresa, ao abordar Osvaldino Silva, o ainda coordenador do MpD, este limitou-se a dizer-lhe que assinou o contrato na conservatória na qualidade de responsável local do partido, mas não se responsabiliza pela dívida.

Inconformado, João Baptista diz que telefonou para a directora nacional de campanha do MpD, Elisabeth Silva, para colocá-la a par do seu problema, tendo em conta que tem uma dívida no banco que precisa honrar. Só que, conta, para seu espanto, Elisabeth Silva optou por desrespeitá-lo. “*Essa senhora, ao invés de me apresentar uma alternativa para a minha situação, começou a chamar-me de atrevido por ligar para o seu móvel, sem a sua autorização. Ela disse-me ainda que o MpD só pagará a factura quando tiver disponibilidade*”.

E é esta incerteza de data que mais preocupa João Baptista Egídio cuja dívida bancária vence nos próximos dias e, segundo diz, não tem como honrar o seu compromisso. O mais grave é que, convencido dos proventos do seu trabalho durante a campanha, este proprietário teve de arcar com despesas de combustível e o salário de um condutor.

“*Paguei do meu próprio bolso um condutor que trabalhava com o MpD das seis horas da manhã até as duas horas da madrugada. Tive de vender vários sacos de cimento, que se destinava a obras na minha casa, para comprar combustível. No entanto, agora, ao invés de pagarem o acordado, sou desrespeitado*”, afirma João Baptista, que tem medo de perder outros bens e a sua saúde.

Osvaldino Silva confirmou a **A Semana** que, de facto, assinou um contrato de prestação de serviço com João Baptista Egídio, na qualidade de coordenador do MpD, esta uma exigência da direcção do partido. E garante que as dívidas serão honradas logo que a sede enviar o dinheiro. “*Estamos a pagar as nossas dívidas de forma faseada, mas todas as pessoas que prestaram serviço durante a campanha vão receber*”, assegura Silva, que admite que João Baptista não é o único lesado no Porto Novo.

O ainda responsável do MpD esclarece que, de acordo com informações da direcção ventoinha, o atraso na liquidação das facturas deve-se a um problema junto do Tribunal de Contas, que ainda não desbloqueou uma verba do partido. As tentativas deste jornal para ouvir a responsável das finanças do MpD, Elisabeth Silva, não resultaram. CP

Câmara da Praia revê taxas

A Assembleia Municipal da Praia, que se reúne a partir de hoje, vai rever o Código de Postura, Municipal, em princípio para adequá-lo à nova realidade económica e social do município. Mas também vai criar novas taxas e agravar outras, para disciplinar as várias actividades que têm lugar no município e que contribuem para o caos que se vive na capital do país.

A Câmara Municipal da Praia já finalizou uma proposta de revisão do Código de Postura a ser submetida à aprovação da Assembleia Municipal, que se reúne hoje e amanhã. Os valores das actuais taxas municipais, a maior parte fixados em 1932, vão ser agravados, ao mesmo tempo que serão criadas novas taxas para actividades e serviços. Oscibercafés são um exemplo. E nisso, nem mesmo a utilização de antenas parabólicas fica de fora: a taxa proposta vai ser de mil escudos anuais.

O licenciamento para venda nos mercados municipais vai sofrer um aumento de 10%, sobre os actuais 40 e 50 escudos. O trespasses de actividades sobe dos 200 escudos para mil. Apesar desse aumento brusco, esse valor é considerado por uma fonte camarária muito abaixo “*dos avultados lucros obtidos com o trespasses, e que chegam a atingir e mesmo ultrapassar os dois mil contos*”.

Alguns serviços prestados pelos bombeiros vão ser igualmente taxados. São os casos do transporte de doentes e de outros tipos de auxílios frequentemente solicitados aos bombeiros como, por exemplo, “*apanhar a chave*



que ficou esquecida dentro de casa”.

Criar uma comissão para a elaboração de um “*Regulamento Municipal de Condóminos*” é outra proposta que a CMP leva para a próxima sessão da Assembleia Municipal.

Não menos importante é o pedido de autorização para a participação no capital social da sociedade que vai explorar a unidade incineradora da Praia, a ser instalada ainda este ano, em parceria com uma empresa alemã.

A actualização de algumas das taxas sobre actividades praticadas na Praia é apontada como uma das vias para tentar estabelecer alguma ordem no município, sobretudo na sua cintura urbana e suburbana. Práticas como atirar o lixo para o chão e água suja para a rua; o desvio de contentores; criar animais no quintal ou no terraço; circulação dos mesmos na via pública são medidas há muito reclamadas pelos cidadãos mais conscientes, para quem a capital de Cabo Verde não pode mais compadecer-se com certas posturas. Resta entretanto, saber se a CMP terá os fiscais necessários ou quando pretende pôr de pé a chamada polícia municipal para pôr cobro a determinadas situações.

Agecabo com dias contados



A Agência Cabo-Verdiana de Promoção do Emprego e do Desenvolvimento Local, criada em 1998, pode fechar as portas a partir de 15 de Maio. Isso porque já não tem em carteira nenhum contrato de empreitada. O último foi assinado no fim do ano passado com o Ministério da Educação para a construção e reparação de seis escolas.

Criada com o objectivo de materializar a carteira de obras de infra-estruturas do Projecto de Desenvolvimento do Sector Social que terminou no ano passado e integrava o Programa Nacional de Luta contra a Pobreza (PNLP), a Agecabo, que não é mais que um intermediário, organizou concursos de empreitadas e de fiscalização

de obras em quase todos os municípios do país.

Segundo alguns economistas consultados por este jornal, a Agecabo deu uma importante contribuição para a introdução, em Cabo Verde, de nova cultura empresarial, ao introduzir elementos de concorrência e de gestão privada, de transparência, imparcialidade, eficiência e eficácia na execução de pequenas obras públicas.

Para além disso, a Agecabo contribuiu para que a mão-de-obra utilizada nas antigas Frentes de Alta Intensidade de Mão-de-obra (FAIMO) integrasse o mercado privado de mão-de-obra, e com vantagem de ter um salário duas vezes superior. Outra vantagem é o nível de eficiência também maior que nas FAIMO ou até mesmo que nas câmaras municipais.

Fontes do Ministério das Finanças consideram que a “*retirada da Agecabo é um erro fatal*” porquanto vai diminuir a capacidade de absorção dos financiamentos sobretudo agora que as normas para execução de obras são muito mais exigentes devido à ajuda orçamental.

O primeiro Director-geral da Agecabo foi o actual ministro da Economia, Crescimento e Competitividade, João Pereira Silva, ele próprio recrutado por concurso público com a supervisão do Banco Mundial. Seguiu-se, em 2004, Leonesa Fortes, actual secretária de Estado adjunto do Ministro das Finanças e Administração Pública, que foi directora administrativa e financeira, na gestão de Pereira Silva.

Cabo Verde vai integrar o SeaHorse, projecto financiado pela União Europeia para patrulhar o Oceano Atlântico e o Mediterrâneo no combate à emigração clandestina. O convite partiu da Espanha, líder do projecto, que também envolveu o Senegal, a Mauritânia e Marrocos nesta patrulha comum contra um dos maiores fenómenos sociais do novo milénio: a emigração ilegal.



UE chama Cabo Verde para patrulha conjunta

A União Europeia está a apertar o cerco à emigração clandestina de África para o velho continente e incluiu Cabo Verde no grupo de patrulha que passa a vigiar o tráfego marítimo no Atlântico. O projecto, denominado SeaHorse, é uma proposta do governo espanhol e engloba ainda Marrocos, Senegal, Mauritânia e alguns países europeus na vigilância conjunta das águas atlânticas e mediterrânicas.

Apresentado na passada semana às autoridades policiais cabo-verdianas, o SeaHorse visa, essencialmente, eliminar a emigração clandestina por via marítima de África para a Europa. Uma aventura muitas vezes trágica e que coloca Cabo Verde como ponto estratégico e intermédio de acesso ao mercado de trabalho europeu. Exactamente por isso, o nosso país foi convidado pelo governo

espanhol e pela UE a integrar o projecto, que reúne no seu seio instituições policiais da França, Alemanha, Portugal e Itália, além da Frontex e Europol.

O nosso país far-se-á representar neste projecto através da Polícia de Ordem Pública, da Guarda Costeira e da Polícia Marítima, às quais serão disponibilizados todos os meios necessários para o combate à emigração clandestina. Aliás, é Cabo Verde a propor à UE, no âmbito do SeaHorse, os equipamentos e os meios que vai necessitar para garantir o controlo eficaz das suas águas territoriais.

Para já, segundo **A Semana** apurou, é quase certo que um barco-patrulha totalmente equipado chegará nos próximos dias a Cabo Verde. O SeaHorse deve também colocar nos um *focal point* na Praia que vai coordenar as operações e facilitar o intercâmbio de infor-

mações entre as autoridades nacionais e os restantes países membros.

Deste projecto estão previstos dois cursos sobre emigração clandestina para oficiais da polícia de Cabo Verde, Senegal, Marrocos e Mauritânia. Antes, porém, os responsáveis policiais destes países deverão deslocar-se a Espanha a fim de conhecerem as medidas já aplicadas no combate à emigração ilegal por via marítima. De igual modo, as autoridades espanholas, país que lidera o projecto, deverão visitar os Estados membros do programa para se inteirarem do andamento do SeaHorse no terreno. Até ao final do ano, está agendada uma conferência sobre o tema em Las Palmas (Canárias), onde se vai fazer o ponto de situação do projecto.

A emigração clandestina africana para

a Europa tem sido uma das maiores dores de cabeça tanto das autoridades europeias como dos países da costa africana. Até aqui, o seu controlo tem-se revelado algo ineficaz, embora várias embarcações tenham sido interceptadas no mar alto. Em menos de um ano, foram detidos em Cabo Verde perto de 500 clandestinos que tentavam rumar ao velho continente partindo das nossas ilhas. Há poucos dias, no Sal, foi interceptada mais uma embarcação que prometera o "El Dorado" a uns tantos africanos.

Entretanto, muitas vezes a "aventura europeia" leva à desgraça. No ano passado foram apreendidas 567 embarcações e detidos mais de onze mil clandestinos. As estatísticas falam ainda em dois naufrágios, 24 mortes e 38 pessoas desaparecidas só em 2005...Portentarem chegar à Europa por portas travessas.

Corrupção de novo na agenda



Cabo Verde e o sistema das Nações Unidas estão a negociar um Plano Nacional contra a Corrupção. Falando em nome do governo sobre este assunto, Cristina Fontes afirmou haver "indícios de corrupção" no país e que os mesmos devem ser combatidos antes que o mal se alastre. O procurador-geral adjunto, João Pinto, defendeu, por seu turno, a criação de um gabinete autónomo para tratar dessa matéria.

"Há indícios claros de corrupção que devem ser combatidos", defendeu na passada quinta-feira, na Praia, a ministra-adjunta do primeiro-ministro no atelier nacional contra a corrupção organizado pelo Governo e o Escritório das Nações Unidas Contra o Crime e a Droga. "Existem estratégias de grupos organizados para neutralizar as funções do Estado em matéria de transparência de funcionamento da máquina administrativa e facilitar a sua actividade criminosa".

Para aquela governante são mais preocupantes "as alegações" de corrupção nos sectores mais sensíveis, nomeadamente, as alfândegas, a justiça e as áreas de licenciamento económico e obras, tanto a nível central como local. Segundo Fontes, tais indícios devem ser combatidos com firmeza, antes que se transformem em "endémias incuráveis".

O atelier nacional contra a corrupção contou com a contribuição de várias entidades. O procurador-geral adjunto da República propôs a criação de um órgão independente "para executar ou coordenar a execução das políticas e práticas adequadas de prevenção contra a corrupção".

João Pinto acha que "a simples instituição das políticas e práticas de prevenção da corrupção" é insuficiente, daí defender a criação de um órgão independente "que, centralizada e regularmente, coordene

e vigie o cumprimento das políticas e forme pessoal adestrado na luta contra a corrupção".

O Ministério Público vai mais longe e sugere que "em cada serviço ou unidade de decisão da administração pública deverá existir um ou mais funcionários especializados" no controlo do cumprimento da ética e normas inibidoras da prática de corrupção.

Aquele magistrado considera indispensável a elaboração de um "código de conduta ética" aplicável à Administração Pública e que revista a forma de lei e tenha, de preferência, legitimação parlamentar. A partir desse código geral, uma espécie de "bases gerais de conduta", seriam depois elaborados códigos específicos e aplicáveis a "sectores mais sensíveis ou de maior risco, como os de verificação de conflitos de interesses", caso dos magistrados, médicos, decisores da administração central e local ligados, por exemplo, à adjudicação de bens e serviços ou licenciamento de obras.

Diga-se, a esse propósito, que o Parlamento está em vias de se tornar na primeira instituição nacional cujos titulares terão um "Código de Conduta e Ética". Um anteprojecto já está na mãos do Presidente da A.N., Aristides Lima, que deverá fazer o seu encaminhamento para os grupos parlamentares e tudo aponta que esse código será aprovado em Outubro próximo.

O seminário contra a corrupção contou ainda com um "forte apelo" da representante do Escritório da ONU na Praia, Patrícia de Mowbray, para que a Assembleia Nacional de Cabo Verde ratifique a Convenção das Nações Unidas contra a corrupção que entrou em vigor em Dezembro último.

Expresso das Ilhas no tribunal

O semanário "Expresso das Ilhas" vai responder em tribunal por um suposto crime de calúnia. A queixa foi apresentada ao tribunal da Praia, na quinta-feira, por Luís Mendes Correia (Badoco), cidadão praiense que acusa o director do jornal, Vlademiro Marçal, e a jornalista Kátia Pontes, de difamação por terem publicado na última edição daquele semanário que foi ele, Correia, quem mandou matar o jovem Amândio Fonseca, um crime ocorrido há duas semanas na capital.

Na sua denúncia, o advogado do queixoso, Juscelino Vieira, alega que o seu constituinte não só está inocente como sequer foi constituído arguido no processo. "Os acusados que terão cometido tal crime foram detidos na Esquadra Policial da Fazenda e apresentados ao Tribunal Judicial da Comarca da Praia na manhã de sábado, tendo sido legalizada a sua prisão", informa Vieira, acrescentando que "com a publicação da referida notícia, o denunciante tem sido alvo de exclusão social e desdém popular".

Além do "Expresso das Ilhas", Luís Correia apresentou queixa contra o jornal electrónico Liberal (também publicou a notícia naqueles termos) e mais cinco familiares do jovem morto, por terem-no acusado de ser o mandante do crime.

Amândio Fonseca, recorde-se, foi assassinado há duas semanas na Praia por três indivíduos que o acusaram de roubo. Os suspeitos foram detidos e apresentados ao tribunal dias depois. Entretanto, na sua edição de quarta-feira última, o jornal expresso das Ilhas publicou um artigo no qual, citando alguns familiares da vítima, diz que foi Luís Correia (Badoco) o mandante do crime. Na peça, o pai de Amândio justifica a acusação alegando que o próprio Badoco, mecânico de profissão, tê-lo-ia avisado antes que mataria o seu filho, por este supostamente lhe ter roubado um farol de automóvel.

POP apresenta balanço da Páscoa

O feriado da Páscoa não trouxe muitas complicações para a Polícia de Ordem Pública (POP), na Praia. Contudo, várias operações foram efectuadas para garantir a segurança na cidade.

O destaque vai para uma operação policial, envolvendo as esquadras da Fazenda, Palmarejo, Achada São Filipe, entre outras, resultando na detenção de 13 adolescentes tidos por "thugs" e "tripolax". De acordo com a POP, na operação foram apreendidas 10 facas, uma pistola de alarme e dois punhais.

Na madrugada de sexta-feira um homem, conhecido por Mário, foi amarrado e espancado até à morte por três homens, na localidade de São Pedro, subúrbio da Praia. Os agressores foram detidos e apresentados ao tribunal, sábado, 15, tendo um deles ficado preso e os outros dois saíram em liberdade mediante termo de identidade e residência.

Foram ainda registados cerca de 15 furtos, oito danos, três burlas, 10 agressões, seis assaltos, três ameaças e 13 acidentes de viação.

No interior da ilha uma criança de dois anos foi atropelada mortalmente, no domingo de Páscoa, no concelho de São Salvador do Mundo. Dois indivíduos foram detidos por condução ilegal em Santa Catarina.



SUCUPIRA:

Vendedores reféns dos larápios

O mercado do sucupira é, hoje inegavelmente um dos maiores espaços de negócio do país, mas nem só de trabalho honesto vivem os que para aí se dirigem todos os dias. A ponto da criminalidade já ser considerada, também, um produto do sucupira.

Um dia comum de trabalho no sucupira. Entre rola bidon e a conquista de um freguês os amigos do alheio que também montam banca no sucupira correm ao ataque. A vítima é uma senhora do interior. A confusão se arma. Todos querem de uma só vez a relatar o que aconteceu. A primeira explicação mais clara numa voz masculina: "ele arrancou a sua bolsa e correu para ali". É assim o dia-a-dia dos que frequentam o maior centro comercial do nosso país ou que simplesmente passam por essa zona. A falta de segurança é constante e amedronta qualquer um.

O Sucupira regista uma grande afluência de pessoas, sobretudo do interior da ilha, que procuram o lugar para vender, comprar e até para se alimentar. E por ser um espaço onde circula uma parte considerável dos bens e pessoas do país, ele tornou-se, hoje, um convite à criminalidade. As denúncias apontam para a venda de drogas e de armas, furtos, assaltos e agressões contra comerciantes, revendedeiras, escritórios e todos os que circulam pelas proximidades do maior mercado aberto do país.

A Semana abordou uma das rabinantes, que conta como tem sido a vida no Sucupira. Segundo D. Tereza "todo o dia é assim. Há sempre pessoas correndo atrás do larápio de ocasião para tentar recuperar seus produtos roubados. Se não sou eu são os meus colegas, ou então os que estão do outro lado do sucupira. Não temos um dia de sossego. Basta um minuto de desatenção para eles levarem o que encontram pela frente, não importa o quê. E quase nunca os conseguimos apanhar".

E quando conseguem pôr as mãos no amigo do alheio, Tereza diz que são ameaçados com canivetes ou, ainda com palavras obscenas. Questionada se, diante desse problema não chamam a polícia, D. Titina, colega de Tereza, responde que "a polícia nunca está quando precisamos. Somos todos ameaçados. Portanto, não podemos fazer nada. O que podemos fazer é tomar as nossas mercadorias e os deixar ir embora".

Tereza conta, por seu lado, que já

foi várias vezes roubada e que deu parte dessas ocorrências na polícia. "Mas o que se verifica é a ausência de medidas". Daí a comerciante concluir que a solução é ela mesma cuidar do seu, estar mais atenta e continuar de boca calada, pois "eu saio daqui já anoitecendo. A iluminação é muito fraca, por isso não vou correr o risco de ser abordada no escuro".

E por falar em fraca iluminação, esta é também, apontada pela Polícia, como uma das causas para o fraco policiamento do local. Conforme disse uma fonte da Polícia "as barracas, principais esconderijos dos assaltantes, por serem todas abertas e sem iluminação não permitem um bom policiamento nem de dia nem de noite".

A nossa fonte nos descreveu a actualização dos bandos. Diz que existem grupos que actuam de dia e aqueles que assaltam à noite. "Os de dia são menos perigosos, tendo em conta que eles apenas roubam. É muito raro um caso de agressão. Já os que fazem o "serviço" de noite, os chamados thugs são os mais violentos. Eles agredem as pessoas levando-as, muitas vezes à morte".

Conforme esse policial, os thugs são jovens entre os 14 e os 23 anos, que chegam a constituir grupos de vinte elementos, subdividindo-se em pequenos grupos de 4 a 5 pessoas na hora de atacar. São normalmente estudantes liceais ou que acabaram de abandonar a escola para entrar na criminalidade. Segundo ele, a maioria desses jovens vêm de diferentes bairros da Cidade, pertencem a uma família pobre, onde não existe a figura paterna e buscam na criminalidade uma forma de enfrentar a "dura" vida, à sua maneira.

"Sendo de diferentes localidades, eles não só actuam no centro comercial. Atacam em toda Avenida e nos bairros periféricos, como é o caso do bairro de Achadinha, que por ser muito grande já deu origem a vários bandos. E esses jovens têm procurado os locais como o supermercado Calú e Angela para actuar", salienta o polícia.

Mas a criminalidade no Sucupira não pára nos furtos e roubos. A venda de drogas e de armas é constante nesse espaço e nos seus arredores. De acordo com uma fonte da Polícia Judiciária (PJ), várias pessoas já foram presas por venda ilegal de drogas e de armas na zona do Sucupira e até hoje existem processos e pessoas a serem investigados.

Segundo a PJ, em 2005 foram feitas

10 apreensões de droga nos arredores do Sucupira, entre elas a cocaína, "Padjinha", "beise" entre outros, com a detenção de 21 pessoas. Os traficantes, esses, "são na maioria do interior de Santiago, pessoas que vêm à Praia apenas para vender droga", acrescenta a nossa fonte.

Mas no que tange a venda de armas, a PJ garante que isso só acontece pontualmente e que não chega a ser um fenómeno alarmante. "São pessoas que possuem armas e que acabam por vender a um amigo ou conhecido", assegura. Até porque "está cada vez mais difícil a entrada ilegal de armas no país, tendo em conta o sistema de segurança no aeroporto. Por outro lado a Enapor vai instalar o seu scanner para dificultar ainda mais o tráfico".

Apesar da entrada bloqueada, o uso de arma por civis torna-se cada vez mais comum. Algo que, deixa entender a POP, se deve à fabricação de armas artesanais. Um crime que tem preocupado muito a POP, pois essas armas podem ser feitas em qualquer oficina serralheira. A confirmar isto dados que revelam que a Polícia apreende, em média, uma arma de fogo por dia na Cidade da Praia, sendo que na maioria no Sucupira e nos seus arredores.

Questionado como é que a POP tem actuado perante esta situação a nossa fonte responde "da melhor maneira possível. Tentamos diminuir o porte ilegal de armas, através de várias operações stop nos fins de semana. Usamos todos os recursos que temos, mas eles não chegam". Por seu lado a PJ afirma que a acção contra o porte ilegal de armas "é um trabalho difícil. Tentamos surpreender os criminosos, mas nada feito. Quando a sorte está do nosso lado conseguimos alguma coisa". Diante dos factos agentes da PJ e da POP pedem ajuda a toda a sociedade para o combate ao crime, porque a segurança é uma "matéria da mais alta importância para o país e que diz respeito a todos os cabo-verdianos. E por isso deve merecer um amplo consenso de toda a sociedade cabo-verdiana".

É importante realçar que, só no ano passado, um conjunto de medidas foram tomadas para reforçar a segurança no país, nomeadamente a criação de quatro esquadras policiais, sendo duas na cidade da Praia e outras duas no Mindelo, a criação de três postos móveis de polícia, a formação de mais de 200 novos agentes, entre outros.

Silvia Frederico



Mobilização contra o paludismo

Cabo Verde não é um país onde o paludismo é endémico, mas está na sua rota. É por isto que, associando-se a uma iniciativa da OMS para a África, o Ministério da Saúde organiza, amanhã, 25, a jornada contra o paludismo. Sensibilizar a população para as formas de prevenção e tratamento desse mal que em África mata mais que a Sida, é um dos objectivos desse iniciativa.

Não sendo endémico em Cabo Verde, o paludismo deixa anualmente a sua marca, com casos registados na ilha de Santiago, particularmente na Praia, logo depois das primeiras chuvas de verão. E, se é verdade que os casos são poucos, isto não significa, entretanto, baixar a guarda contra uma doença que, a realidade mostra, pode ser mortal.

É para evitar o descaço relativamente a essa doença, e porque

o país está num zona de incidência do paludismo, que as autoridades da Saúde realizam esta terça-feira, 25, as jornadas contra o paludismo. Dentre as actividades na capital o destaque vai para uma exposição, com animação, na Praia da Escola Grande.

A data vai ser, igualmente, oportunidade para os técnicos do sector repensarem a abordagem nacional relativamente ao tratamento dessa doença. Segundo a responsável do Programa de luta contra o Paludismo do Ministério da Saúde, Joana Alves os técnicos do sector têm estado a seguir a política estabelecida em termos de tratamento. "Mas temos que repensar essa abordagem, sobretudo tendo por base a realidade africana em que se verifica resistência aos medicamentos disponíveis".

Mas, enquanto técnicos da saúde pensam a forma de abor-

dar a doença, em termos de tratamento, o cidadão comum pode actuar no sentido da prevenção. Algo que, durante o ano todo, mas particularmente no tempo de chuva, evite a formação de poças de água ou a existência de recipientes com água abertos onde o mosquito transmissor do paludismo possa se proliferar. É bom lembrar que, também no que se refere ao paludismo, a higiene é uma arma importante

E diante do mínimo sintoma, tal como febres com tremor e suores intensos, dor de cabeça e mal-estar geral, além de tosse e falta de apetite, no caso das crianças, a medida certa é procurar um serviço de saúde. Isto porque, quanto mais cedo for iniciado o tratamento mais rápida vai ser a recuperação do doente. E, por outro lado, o atraso na procura de ajuda especializada pode levar à morte.

Mulher pede apoio para evacuar marido

Joana Simoa Nascimento, 51 anos e mãe de 10 filhos, procurou **A Semana** para não só falar da situação em que o seu esposo, João Baptista Rocha, ficou depois de se submeter a uma pequena cirurgia como também pedir apoio às autoridades na sua evacuação para Portugal. É que, segundo esta mulher, numa deslocação à capital para uma consulta, o médico de serviço disse-lhe que a doença do marido é grave e só tem tratamento fora de Cabo Verde.

Tudo começou, de acordo com a entrevistada de **A Semana**, há cerca de um ano quando o marido detectou um pequeno caroço, que mais parecia uma espinha, no nariz. Era uma coisa simples, explica Joana Nascimento, mas o seu companheiro decidiu fazer uma cirurgia para o retirar. Veio para São Vicente, foi operado, inclusive sem anestesia, e recebeu alta no mesmo dia. "ele regressou de imediato à Santo Antão. Estava com um pequeno sangramento mas os médicos disseram-lhe que era passageiro. Isso não aconteceu e o mais grave é que ele inflamou a cara e perdeu a visão num dos olhos", conta Nascimento, que diz estar agora preocupada com as fa-

lhas de memória do marido. O desespero desta mulher agudiza-se porque, afirma, nunca lhe explicaram de que padece o seu companheiro. "Quero que me digam qual é o seu problema e se tem cura. Já foi observado nos hospitais de Santo Antão, onde encontra-se internado, São Vicente e Santiago. Se tiver cura, ainda que no exterior, espero que façam uma junta para que ele possa receber o tratamento adequado. É a primeira vez que o meu marido apresenta um problema de saúde nos seus 61 anos de idade e ele tem familiares no estrangeiro que prometem ajudá-lo, na medida das suas possibilidades, para que recupere a saúde".

Pelos sintomas descritos pela esposa, o delegado de Saúde da Ribeira Grande, Arlindo do Rosário, que nunca esteve em contacto com o paciente, acredita que João Baptista Rocha padece de algum cancro, que está a ser acompanhado por um especialista em São Vicente. Quanto a uma possível evacuação, afirma Rosário, é uma decisão que terá de partir do seu médico, que conhece todo o historial de tratamento do paciente.

Constância de Pina

Sexta-feira, 24 de Abril de 2006
Socialidade

Existem momentos únicos na vida.
O seu conforto, bem-estar e segurança fazem parte desses momentos.

Aparelhos de Ar Condicionado

- ✦ Crédito garantido sem fiador
- ✦ Garantia total de 4 anos sob a assistência da SISIL Cabo Verde
- ✦ Montagem Gratuita
- ✦ Preços
9700 BTU - a partir de 50.000\$00
12.300 BTU - a partir de 57.500\$00

Tel.: 262 32 77 44 88 Fax 262 33 11 11 e-mails: sisilcabov@sisilcabov.cv comercio.sisil@sisilcabov.cv
Rua da 53ª Avenida: 952 34 40 / 952 32 33

Mantenha o fresco todo o ano

UM PSEUDO PROCESSO DE FRAUDE ELEITORAL !?

Passando um olhar retrospectivo sobre determinados factos ocorridos durante a vigência da legislatura anterior, em particular, na sua fase final, e suscitados pela oposição, sou levado a concluir que merecem ser objecto de análise, mesmo que de forma ligeira, sob o ponto de vista da estratégia que, presumivelmente, encerram. Vistas agora à distância, certas tomadas de posição levam-me a deduzir que alguns cenários em que decorreram as três eleições realizadas naquele quinquénio, terão sido cuidadosa e superiormente engendrados, contando com a eventualidade de o MpD e o candidato por ele apoiado perderem as eleições.

Tive a noção clara da existência de encenação quando, três dias depois de ter aceite os resultados das eleições Agostinho Lopes meteu marcha-atrás, deu o dito pelo não dito e impugnou-as, deixando tudo e todos boquiaberto. Ao seguir as mesmas pisadas, sem qualquer desvio, após a sua derrota nas presidenciais, Carlos Veiga reforçou o meu ponto de vista de que havia um plano em execução. Fiquei até com a sensação de que Agostinho Lopes, ao ter, inicialmente, aceitado a derrota, tentou desistir do eventual plano, mas outros valores falaram mais alto.

Deve estar ainda bem fresco na memória dos cidadãos que se interessam pela política neste país que Agostinho Lopes, mal assumiu a liderança do MpD (liderança da oposição de um modo geral) passou a fazer uso de uma linguagem estranha, para não dizer baixa, que girou, sistematicamente, à volta do termo “fraude eleitoral”. Foi como se ele tivesse escolhido essa frase como lema de trabalho; feito dela o cavalo de batalha essencial do seu combate político. Acabou por a transformar numa palavra de ordem, um autêntico projecto que desenvolveu durante todo o período da VI Legislatura.

O líder ventoinha daria o seu primeiro “grito de Ipirangá” a partir da ilha do Sal, apanhando tudo e todos desprevenidos. O “anúncio”, que teve a cobertura da rádio, da televisão e da imprensa escrita, foi na altura considerado, por muitos cidadãos, como leviano, despropositado e desprovido de credibilidade. No momento em que Agostinho Lopes começou a bradar, a plenos pulmões, que estava sendo preparado um processo de “fraude generalizada”, faltavam ainda cerca de dois anos para a realização das eleições autárquicas. A partir daí, o líder ventoinha nunca mais parou de utilizar essa linguagem, já em si fraudulenta, para adjectivar tudo o que fosse iniciativa do PAICV, do Executivo de J. M. Neves e das instituições responsáveis pelo sistema eleitoral em Cabo Verde.

Tudo faz crer que, com o esquema assim encenado, o MpD pretendia matar vários coelhos numa só cajadada: rotular o PAICV com um “estatuto” de fraudulento, manipulador perverso dos próximos actos eleitorais, e arquitectar, antecipadamente, um alibi. Em caso de derrota, a denúncia prévia actuaría como um “já tínhamos avisado”; ajudaria a captar a simpatia do eleitorado menos atento, ao mesmo tempo em que essa tese serviria para impressionar as instituições da República, e não

só, ligadas aos processos eleitorais.

Naquela altura, como que a prever que essa cena era parte dum eventual esqueleto de um vasto e complexo estratagem, no artigo intitulado “TIRO AO ALVO NA PREPARAÇÃO DAS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS”, publicado no jornal “A Semana”, de 10/Jan/03, eu dizia o seguinte: “Ao que parece, a fim de se evitar atrasos para não correr o risco de se ver antecipado no jogo à defesa, o que já se desponta no horizonte são querelas sobre fraudes suscitadas, com uma antecedência recorde, pelo maior partido da oposição por intermédio do seu líder, Agostinho Lopes, a partir da ilha do Sal através da rádio e da televisão, numa espécie de marcação na grelha de partida para perturbações de campanha. Se desta vez as denúncias começam já com a preparação das eleições, como é que será no decorrer e após a realização das mesmas?”

Agostinho Lopes continuou com a mesma lenga-lenga, ininterruptamente, até à realização das eleições autárquicas de Março de 2004, altura em que o Governo de J. M. Neves ainda estava a arrumar a casa que o MpD de Carlos Veiga e Gualberto do Rosário deixaram de rasto e em mau estado. Tendo entretanto ganho o maior número de Câmaras, entre as quais S. Vicente e Sal (dois apetitosos Municípios), os ventoinhas, apaziguando-se um pouco, não tiveram a necessidade nem urgência de pôr em prática o suposto plano urdido, i.e., lançar o brado (houve traços ténues) de que não ganharam mais Câmaras devido ao esquema de “fraude generalizada”. Está demonstrado que o slogan só produz efeito em caso de vitória do PAICV.

Houve nesse interim uma ligeira trégua que foi sol de pouca dura. Mal passa a euforia da vitória, os ventoinhas dão início a novas contas, extrapolam os resultados das autárquicas para as eleições legislativas, que só teriam lugar cerca de dois anos mais tarde. Agostinho Lopes e a sua troupe passam a vaticinar vitória do seu partido em Janeiro de 2006, como um dado adquirido. Deixando, obviamente, claro que isso só aconteceria se a “fraude” que o PAICV vinha preparando não resultasse, dando a sensação de que o MpD já conhecia o “trabalho” desde os tempos de “canequinha”.

O slogan sofreu tantas reviravoltas que acabou por entrar no nosso quotidiano, particularmente, durante as fases mais quentes das campanhas eleitorais, em que o seu significado perdeu conteúdo, tornou-se banal e anedótico. Não foi por acaso que, à pergunta de um barman sobre o que desejava tomar, sem hesitar o cliente respondeu: “uma fraude eleitoral geladinha”!

Entretanto, Carlos Veiga, o inconformado ex-candidato apoiado pelo MpD e derrotado nas eleições presidenciais de 2001, que durante cinco anos choramingou a sua hipotética qualidade de vítima de fraude eleitoral, deu um retoque na sua estratégia. À medida que a data para o novo embate se aproximava, passou a utilizar uma nova expressão. Sempre que perguntado, cá dentro ou na diáspora, se concorreria, novamente, às presidenciais de

2006, Veiga respondia, invariavelmente, assim: “Só serei candidato se tiver garantias de que não haverá fraude eleitoral”. Essa resposta levou-me a questionar se Carlos Veiga não estaria à procura de uma saída airosa dessa “aventura”. Ele devia calcular que, dada a forma exemplar como Pedro Pires vinha desempenhando a mais alta magistratura do Estado, a chance de vencê-lo era quase nula. Porém, deixou a ambição falar mais alto, foi derrotado pela segunda vez, mas não tirou a teima.

A estória das duas eleições ainda está e vai continuar a estar, por muito tempo - para não dizer cinco anos -, fresca na memória dos cidadãos, na medida em que o MpD, por um lado, e Carlos Veiga, por outro, estão a fazer tudo para que assim seja. Os desfechos são amplamente conhecidos, com realce nas impugnações dos resultados que o STJ considerou improcedentes.

Ao fim e ao cabo, fica a sensação de se ter estado perante um trabalho levado a cabo com premeditação, astúcia e muita perseverança, para incutir na opinião pública o sentimento de que estava em preparação um processo maléfico. Afinal, tudo não passou de fantasia, uma espécie de publicidade enganosa. Para o desespero de quem o concebeu, o enredo não alcançou os objectivos almejados. Quer o eleitorado, quer as instituições da República, não se deixaram influenciar pela cantilena dos ditos cento e tal milhares de documentos falsificados. Assim sendo, e como moral da estória, o longo processo de montagem da cena acabou em “águas de bacalhau”.

Uma vez terminadas as disputas eleitorais que culminaram nas urnas com derrotas do MpD nas legislativas, e do advogado Carlos Veiga nas presidenciais; vistas as tramóias gizadas à volta dos resultados; tendo em conta o fiasco da manifestação de rua convocada por Carlos Veiga para contestar a decisão final do STJ, enquanto Tribunal Constitucional; depois de tudo isso não se pode, pura e simplesmente, colocar uma pedra sobre toda essa infeliz trama que pôs o País à beira de uma crise, como se nada tivesse acontecido. Daí, a razão desta crónica.

Com a vitória do PAICV por maioria absoluta (não me surpreenderia uma qualificada!), o primeiro Governo do segundo mandato de J. M. Neves já instalado e em “aquecimento” para a nova largada; com o MpD reconduzido, inconformado, nas funções de maior partido de oposição; tendo Pedro Pires (venceu com a bonita soma de 3344 votos de diferença) sido empossado com a pompa e a circunstância que o acto merecia (o triste espectáculo que a bancada do MpD deu nesse evento só afectou os próprios autores); para não destoar, Carlos Veiga voltou a não comparecer à cerimónia de empossamento. Agora, como não há tempo a perder, é imprescindível que o país retome o seu curso normal. A tarefa que espera os nossos governantes nesta nova fase é, sem dúvida, a maior e mais complexa de sempre.

P.S.: Está aberto “concurso” à procura de consenso entre os parlamentares para elaboração de um recenseamento eleitoral de raiz. Dada a urgência e importância do assunto, a participação de todos é indispensável.



CARTA DO LEITOR

O que é de um jornal sem leitores? Ainda por cima de leitores tão especiais, que não se cansam de mostrar como amam 'A Semana', e, sempre que possível, mostram que são capazes de fazer tudo por ele? Eis alguns mimos (e também xutos) de gente que veste a camisola 'A Semana', recolhidos através de «asemanaonline» nestes dias de apagar velas. Seguem também as mensagens recebidas de várias entidades públicas e privadas, com quem este jornal se relaciona no seu dia a dia.



Contamos com A Semana

O Semanário está de parabéns e os foguenses agradecem pela abertura da delegação porque passam a ter mais um canal, para fazerem chegar a sua revolta quando se sintam discriminados em relação aos outros pontos do país, mas também para reconhecerem quando se realizam obras importantes para a ilha. Esperamos que o Governo siga este exemplo e instale para breve uma delegação da RTC, com realce para a TCV e possamos assim, a partir do Fogo, passar a ser vistos na telinha da TV. O jornal daria uma boa contribuição ao Fogo se começasse a mostrar aos caboverdianos tudo o que não se tem feito na ilha e na região e comparasse com as outras ilhas. Fogo não pode continuar a ser apenas o depositário de votos para o PAICV e continuar a ver alguns dos seus dirigentes a darem mais atenção a outros pontos do país e a não se preocuparem com os projectos estruturantes para o desenvolvimento da ilha. Não nos contentamos apenas com o bom desempenho das câmaras da ilha nem com as pequenas obras que se fazem um pouco por todo o país e que também acabam por chegar ao Fogo. Queremos e aspiramos a muito mais porque temos potencialidades e gente empreendedora que espreita apenas a criação de condições para poder investir na ilha. Sem um bom porto ou um bom aeroporto, sem o cabo submarino que também não chega às ilhas do Fogo e da Brava, sem boas vias de comunicação dentro da ilha, sem nenhum sistema de saneamento básico em nenhum aglomerado populacional na ilha, sem electricidade na maior parte da ilha ou água canalizada nas casas, não vamos poder lá chegar. Mas é preciso investir também na educação, na formação profissional, no aproveitamento das potencialidades agrícolas e pecuária da ilha, na mobilização de tanta água superficial e subterrânea existente na ilha, enfim, de muita coisa precisamos e contamos com os jornalistas do **ASEMANA** para nos ajudarem a fazer chegar a nossa voz a criar uma corrente a favor do Fogo e da Brava que são ilhas tão cabo-verdianas como as outras.

Djarfogo, dia 21

Preto & Branco

Parabéns pelos 15 anos. Arranjaram um rótulo original para anunciar isto, porque foram logo buscar um do CD do Bonga para meter no nosso/voosso jornal, o que me quer dizer que a vossa originalidade é o de Bonga há mais de pelo menos 6 anos. "Preto & Branco".

Anónimo, dia 21

Bem-haja

O semanário em suporte papel "A SEMANA" bem como o "A Semana on-line" constituirão uma fonte preciosa de que todos os cabo-verdianos sedentos de informação sempre actualizada do seu País jamais delas se desvincularão. Neste momento em que se perspectiva e se augura uma nova era para a informação que nos é proporcionado, através destes meios de comunicação, cada vez mais audaz, aproveito a ocasião para desejar a todos

os inovadores, directores e trabalhadores deste prestigioso órgão de informação votos de uma vida recheada de mais e melhor informação que possa satisfazer os mais exigentes leitores e visitantes do Web da Semana, uma leitura revigorante que se apoia numa informação de elevadíssima qualidade. Bem-haja "A Semana" e que perdure para sempre!

JLS, 17-04-06

Precioso órgão

Com a suspensão de mais um semanário, deixa os leitores com um vazio grande durante o fim-de-semana. Mas para a Ilha do Fogo vai ser uma bomba porque estávamos na lista de espera já algum tempo. Gostaríamos de agradecer primeiramente à Direcção deste Jornal e aos Presidentes das Câmaras Municipais de tanta coragem que tiveram em acertar com a Direcção. Nós, como munícipes, vamos certamente colaborar com os efectivos destacados a trabalharem nesta região Fogo/Brava, como forma de saborear a nossa alegria. Particularmente eu, incansavelmente, nas reuniões da AMM, não poupava esforço em pedir para quando a chegada deste precioso órgão.

Muito Obrigado
Pedro Freire, dia 21

Emigração

Parabéns... Nós também merecemos uma prenda, esse número especial todo em PDF para os que estão longe.

Anónimo, dia 21

Mindelo crênu tcheu

Fim-de-semana sem a semana é duro. Parabéns pelo sucesso reconhecido por todos, inclusive, a oposição que vos adora. O povo destas Ilhas agradece a qualidade da informação diversificada e competente que nos têm brindado ao longo desses 15 anos de existência. Continuem sempre na mesma linha. Longa vida ao jornal mais lido em Cabo Verde e no exterior. Mindelo crê bsote tcheu, Semana é *sabe pa cagá op!*

Anónimo, dia 21

Orgulhoso

Estou muito orgulhoso do nosso semanário... Longos anos de vida.

Oaso, dia 21

Pasquim

A **Semana** não faz falta! É o pasquim do governo! As vossas tiragens só servem para gastar papel, mais nada. De jornalista vocês não têm nada. Jornalismo pressupõe isenção e ética. Sabem o que isso é? Por mim, vocês deveriam era voltar de vez. Há muito que já não compro o vosso boletim informativo do governo.

Anónimo, dia 21

De Luanda

É com muita alegria e muita saudade que acompanho, desde Luanda, o crescimento do

nosso **A Semana**. Um grande abraço para toda a equipa do jornal e muita força nesta etapa que agora começa. Estamos juntos.

PMC, 21

Abertura

Da parte do nosso Ministério e, enquanto Secretário de Estado da Educação, apaz-nos felicitar o jornal "A Semana" pelo seu 15º aniversário, augurando-lhe os maiores êxitos no exercício da sua nobre e digna missão e que continue a prosperar entre nós por longos anos de vida. Desde agora, queremos assegurar a nossa total abertura em dar o nosso contributo a este Jornal, na sua tarefa de informar e formar uma opinião pública esclarecida, pois queremos crer que só deste modo será possível trilhar os caminhos que nos levam a um Cabo Verde moderno, competitivo, desenvolvido e seguro.

O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
OCTÁVIO RAMOS TAVARES

Presente

É com muita satisfação que registamos a efeméride de um jornal cuja criação e desenvolvimento vimos acompanhando e é, por isso, com muito prazer, que aceitamos juntar-nos às celebrações. Para o efeito, estará presente no Fogo, a partir do dia 29, a signatária, que representará o Banco de Cabo Verde.

Fátima Fialho, Assessora, BCV

Renovados sucessos

(...)Aproveito, a o 15º aniversário do jornal que tão bem dirige para lhe apresentar, a si e à equipa do jornal, cordiais votos de felicitações pelo aniversário do periódico que, ao longo destes anos, tem contribuído de forma particular para a afirmação do jornalismo independente em Cabo Verde e de uma sociedade mais culta, e portanto livre, esclarecida, patriótica e auto-consciente.

Desejando renovados anos de sucessos, queira aceitar, senhora Directora e Cara Amiga, os meus sinceros cumprimentos, extensivos a todos os seus colaboradores.

O Presidente, Aristides Raimundo Lima

Mais anos de vida

Felicitemos o Jornal **A Semana** por mais este aniversário, desejando-lhe mais e mais anos de vida. Aproveito para agradecer o convite que nos foi endereçado e lamento não poder participar no evento pelo facto do mesmo coincidir com a realização da nossa Assembleia Municipal.

Orlando Delgado, Presidente CM Ribeira Grande

Referência

Agradeço, sensibilizado, o amável convite que me dirigiu para estar presente nas comemorações dos 15 anos do jornal **A SEMANA**. Aproveito esta ocasião para formular votos dos maiores sucessos para si e para Jornal que dirige e que tem sido uma referência de qualidade e profissionalismo em Cabo Verde.

Francisco Ribeiro Telles, Embaixador de Portugal

A SEMANA E OS SEUS LEITORES

Opinião

Sexta-feira, 24 de Abril de 2006